

---

## APRENDER-FAZENDO: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZES E SAPATEIROS (PELOTAS, 1960-2014)

### LEARN-MAKING: REFLECTIONS ON THE RELATIONSHIP BETWEEN STUDENTS AND SHOEMAKERS (PELOTAS, 1960-2014)

---

Micaele Irene Scheer  
Mestranda em História – PUCRS, CAPES  
scheermica@gmail.com

**RESUMO:** Os sapateiros ainda podem ser vistos nas ruas do centro da cidade de Pelotas, contudo seu espaço laboral é módico e a maioria limita-se aos consertos. Nesta oportunidade vamos discorrer sobre a aprendizagem, aspecto fundamental para compreender como se formavam novos sapateiros, costume que foi impactado conforme se popularizavam as leis trabalhistas e avançava a fragmentação do processo produtivo. A metodologia utilizada é a História oral temática, pois buscamos apreender experiências e o cotidiano fabril, assim como a interpretação dos narradores sobre as mudanças econômicas e sociais que interferiram em seus empreendimentos. É a partir destas fontes que o artigo busca analisar as mudanças em relação ao “aprender-fazendo” e seu impacto processo de reprodução dessa categoria profissional na cidade de Pelotas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História oral. Trabalho. Sapateiros.

**ABSTRACT:** Shoemakers can still be seen on the streets of the city of Pelotas center, yet their working space is modest and mostly limited to repairs. This time we talk about learning, critical to understand how new shoemakers formed, a custom that was impacted was popularized as labor laws and advancing the fragmentation of the production process aspect. The methodology used is the thematic oral history as we seek to grasp everyday experiences and the factory as well as the interpretation of the narrators on the economic and social changes that interfered in their endeavors. It is from these sources that the article seeks to analyze the changes in relation to "learn-making" and its impact on the process of reproduction of this professional category in the city of Pelotas.

**KEYWORDS:** Oral History. Work. Shoemakers.

Thompson (1988), em “A Formação da Classe Operária Inglesa”, observa a importância dos sapateiros entre os artesões ingleses no século XIX, tanto em aspectos numéricos, quanto a sua inserção nos movimentos reivindicatórios. Estes sapateiros dividiam-se entre “dignos” e “indignos”, onde os primeiros tinham sua formação comprovada por oficinas tradicionais da Inglaterra, que estavam organizadas com a finalidade de preservar o

*status*, e conseqüentemente, o preço do seu trabalho; já os segundos aprendiam sozinhos ou com outros sapateiros “indignos”, esses formaram as manufaturas. Hobsbawm e Scott (2008) assinalam que os sapateiros ensinam muitos meninos pobres, filhos de clientes humildes e não apenas seus descendentes ou perante o pagamento.

Em 1914 foi retirada a clausula do Estatuto Elisabetano de Artífices referente ao ensino dos aprendizes, assim as oficinas vinculadas às corporações de ofício perderam o controle sobre o ensino. A distinção entre os produtos passa a ser menos evidente, gerando perda de *status* e queda nos preços, anteriormente fixados pelo costume. Além do mais, a maquinaria e às inovações geraram insegurança e revoltas, pois “as vantagens da ‘marcha do progresso’ pareciam sempre beneficiar a outra pessoa” (HOBBSAWM; SCOTT, 2008, p. 89). Para Hobsbawm (2008), muitos artífices foram pressionados a deixar a tradicional estrutura da corporação de ofício passando para uma militância sindical de trabalhadores especializados, ou seja, tornam-se funcionários de fábricas que se fortaleciam nas primeiras décadas do século XX.

Fiod (1999) estuda a passagem da aprendizagem das oficinas para aquela oferecidas por escolas laicas e estatais, que surgem na passagem do artesanato para o da manufatura, mas que avança e se universaliza com o advento da indústria moderna. Sobre a qual analisa:

A divisão sistemática do trabalho manufatureiro evidencia que a mercadoria está deixando de ser produto individual do artífice independente [...], o produto do trabalho só adquire caráter social quando os indivíduos executam sempre, e sem parar, a mesma e única tarefa. Mas é justamente essa fixação do trabalhador em determinada função parcial que possibilita a criação de um novo homem: o trabalhador coletivo (FIOD, 1999, p. 89).

A indisciplina é um elemento presente nas manufaturas, pois os trabalhadores não renunciam facilmente o “trabalhar para si mesmo”. Esta resistência e a conquista da diminuição da jornada de trabalho aceleram o desenvolvimento das máquinas, gerando uma maior fragmentação e simplificação das tarefas. É exigido do trabalhador “apenas disposição para o trabalho” (FIOD, 1996, p. 96), assim a educação tradicional para o trabalho não é mais necessária. A autora reflete sobre o lugar do “treinamento teórico-prático” após a transformação do artesão em trabalhador coletivo:

Ao entrar na fábrica e ao deixar sua oficina, o ex-artesão está formalmente livre, como o capitalista também, dos velhos laços corporativos; mas, simultaneamente, foi libertado de toda a sua propriedade e transformado em um moderno proletário. Não possui mais nada: nem lugar de trabalho, nem a capacidade de desenvolver sozinho o processo produtivo integral, nem o produto do seu trabalho, nem a possibilidade de vendê-lo no mercado. Ao entrar na fábrica, que tem na ciência moderna sua maior força produtiva, ele foi expropriado também de sua pequena ciência, inerente ao seu trabalho; esta pertence a outros e não lhe serve para mais nada e com ele perdeu, apesar de tê-lo defendido até o fim, aquele treinamento teórico-prático que, anteriormente, o levava ao domínio de todas as suas capacidades produtivas: o aprendizado (MANACORDA apud FIOD, 1996, p. 98).

Para Sennett (2009), o trabalho inato e sem treinamento deve ser observado com desconfiança, acredita que o trabalho é apreendido com repetições, e “à medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo daquilo que ela repete” (SENNETT, 2009, p. 49). Este processo de aprendizagem e desenvolvimento da prática é prejudicado quando as máquinas impedem as pessoas a aprenderem com as repetições, dissociando o entendimento mental das práticas manuais.

A historiografia brasileira pouco explorou o ensino de atividades manuais no local de trabalho, voltando-se as Escolas de Artes e Ofícios ou a legislação que normatizava as relações nas corporações e irmandades do século XIX (CUNHA, 2002). A relação entre mestre e aprendiz abordada no século XX pode parecer deslocada no tempo, pois é uma característica das relações de trabalho vinculada as guildas e corporações, que subsistem as manufaturas, mas que findam a partir dos primeiros estágios da industrialização. Entretanto, fatores socioeconômicos próprios da sua história no Brasil, que podem ser resumidos em atraso na implantação de tecnologias e modelos de gerência do trabalho, ofereceu condições para que a prática da aprendizagem feita nos espaços das fábricas de porte médio e pequeno persistisse até o período deste estudo.

O setor calçadista é um meio favorável para a obstinação da aprendizagem prática no ambiente laboral, o trabalho manual perpassou o artesanato, combinou-se com as ferramentas simples da manufatura e está ao lado das modernas máquinas da indústria (REZENDE, 2012). Gracioli (2001) percebeu nas atuais indústrias calçadistas de Franca, trocas de conhecimento entre os funcionários, “saberes que não são valorizados, mas apropriados pelo capital”

(GRACIOLI, 2001, p. 132) e são constituídos socialmente, através das relações de solidariedade e compõem a resistência contra a exploração do trabalho.

Feitas as considerações iniciais, voltamos nossa atenção para o ensino da sapataria em Pelotas. Não encontramos registros sobre cursos profissionais do setor calçadista, eram os pais dos jovens que procuravam as fábricas buscando uma alternativa de trabalho para os filhos, ou adolescentes que procuravam por uma oportunidade de se inserir nas fábricas de calçados ou reformadoras. Nesta oportunidade vamos apresentar o começo da trajetória de sapateiros e suas experiências no ensino de aprendizes, buscando antes os “significados” que os “eventos”, ou seja, as expectativas em relação ao seu trabalho e de seus aprendizes (PORTELLI, 1996).

A História oral é utilizada como “uma metodologia de pesquisa e constituição de fontes para o estudo da história contemporânea” (ALBERTI, 2005, p. 155), que consiste, basicamente, em fazer entrevistas gravadas ou filmadas, possibilitando “registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2005, p. 164). O gênero que é desenvolvido nesta pesquisa é o da História oral temática, ou seja, buscamos as vivências em torno da trajetória laboral dos sapateiros, para isso utilizamos gravador de voz e máquina fotográfica. Preceito para a execução desta metodologia é acumular relativo conhecimento sobre o tema da entrevista, assim foram feitos estudos sobre contexto histórico e trabalhos similares antes de ir a campo.

Entendemos que a prática da entrevista “é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes” (FREITAS, 2006), o que deve ser considerado quando ocorrem os primeiros contatos e a entrevista, além de ser elemento central da interpretação da narrativa. Foram entrevistados senhores de diferentes idades, que estão inseridos no mercado de trabalho, trabalhando na fabricação ou no conserto de calçados. Sabe-se que muitos se aposentaram, ou fecharam os locais de trabalho visto a pouca rentabilidade, porém, como Portelli (1996), relaciona-se “representatividade” com “possibilidades”, assim aqueles que continuaram na atividade apresentam um campo de possibilidades de manutenção do ofício que é representativo e caro aos objetivos desta pesquisa, o que justifica a escolha dos narradores.

José Aguiar aos 17 anos procurou emprego na sapataria e com a disponibilidade da vaga iniciou o seu curto período de aprendizagem, pois em uma semana passou a ser ajudante. Aguiar conta: “trabalhei uma semana mais ou menos, ele me dava dicas de como era, e eu... Não sou muito bobo! Fui pegando [risos]”. O pagamento era diário e correspondia a 30% do que produzia.

Indagado sobre como resolveu seguir a mesma profissão que o pai, Anderson explica que aos 12 anos frequentava a sapataria de Aguiar, ajudando e aprendendo o ofício, mas não demonstrou interesse, mas há cerca de quatro anos, observando o avanço dos empreendimentos de seus irmãos, resolveu voltar para a atividade. Por aproximadamente meio ano trabalhou com seu pai, depois mais um ano na sapataria do irmão. Questionou-se como ocorria a aprendizagem e ele explicou que eram aulas práticas, onde seu pai lhe mostrava como executava o trabalho e depois lhe pedia que repetisse. Anderson ainda frisa: “a gente está aprendendo sempre, até hoje, cada dia tem uma coisa nova aqui”.

Para o sapateiro a manutenção do ofício se dá no núcleo familiar, pois não existem cursos na cidade e a lei dificulta a oportunidade de aprender como antigamente, por isso, se o filho optar pela continuidade da tradição familiar vai apoiar a escolha. Na “Sapataria 7 Estrelas” encontrou-se um jovem acompanhando o pai na realização dos serviços, Volcei prontamente avisou que o filho estudava no turno da tarde e as vezes o ajuda, todavia aproveita para afirmar que deseja que o filho continue a sapataria. Sobre a sua trajetória ressalta o incentivo do sogro:

Ele disse: ‘vem para cá, trabalha com nós, a vida de sapateiro é outra vida, não se mata mais, ficar se arrebetando’. Eu tenho problema de tendinite nesse braço [mostra] e na obra não estava mais dando. Então ele me convidou e eu vim [...]. Aprendi com ele, tudinho! Muita coisa... Ele ensina, mas a gente não sabe ainda.

Além do conhecimento, Volcei herdou o entusiasmo pelo ofício. É nítida a admiração pelo sogro quando ressalta que vai demorar anos para saber tudo, mas que a aproximação familiar permite que compartilhem experiências. Como se pode verificar no fragmento: “seguidamente ainda vou para lá [...]. Eu saio daqui de noite e vou para lá, fico olhando, ajudando e cada vez mais a gente vai aprimorando mais coisas. Cada minuto que você fica lá é uma coisa a mais que a gente aprende”. Anderson e Volcei não sabem produzir calçados,

pois aprenderam o trabalho quando a fábrica do José Aguiar já havia encerrado as atividades. Volcei, mesmo entendendo que a procura por calçados artesanais é pouca, preocupa-se em ser um “sapateiro profissional”:

eu estou aprendendo com ele, quero aprender isso também, a fazer calçado [...] É raro, é lá de vez enquanto. Essa semana eu fiz um tamanquinho para uma senhora idosa, que ela queria daquele tipo antigo, aí o seu José, meu sogro, me ajudou a fazer [...]. Oh! Ficou bonito, ficou perfeito! Então tem essas coisas que a gente não sabe, ele é um profissional que sabe tudo, daí vou lá.

A distinção entre os sapateiros que fabricam calçados e os sapateiros remendões é observada no estudo de Hobsbawm e Scott (2008), que constatam que “o conserto era nitidamente o ramo inferior do ofício [...]. Entretanto, a linha divisória entre os dois ramos era imprecisa [...] Viver somente de fazer calçados era praticamente impossível para mais de uns poucos. Na verdade, subentendia-se que os fabricantes consertassem” (HOBSBAWM; SCOTT, 2008, p. 165). Aued (2001) também diferencia aqueles que consertam dos “sapateiros completos”. Dalmiro e Aguiar sempre consertaram, mesmo quando possuíam as fábricas, atualmente a “Botas Tradição” faz reformas, já a “Botas Bonini” só consertam os seus produtos.

Em 1960, Dalmiro contratou um funcionário para lhe ensinar o ofício, mas observando o trabalho, acreditou que conseguiria fazer sozinho, porém fechou as portas pouco tempo depois e foi trabalhar em uma fábrica de calçados, onde aprendeu maiores detalhes sobre a produção. O narrador sentia vergonha de ser sapateiro, o que justifica a desmotivação em ensinar a sapataria aos seus filhos, fala com orgulho que dois são advogados e lamenta que o mais velho optou em não estudar, descreve as conversas que tinha com este: “explicava para ele que se ele não estudasse, ele não ia ser ninguém na vida, ou ele ia ter que ser um sapateiro como o pai ou então ser um carroceiro, vendedor de carvão, coisas assim”. Aued (2001, p.4) afirma que nos dias atuais não “ensejamos que nossa filha case com um sapateiro, ou ainda, projetando nosso ideal de ascensão, nosso filho torne-se sapateiro”.

Fonseca foi aprendiz em uma fábrica, fazendo “coisas corriqueiras, como montar caixas” e recebia meio salário mínimo. Entre as oficinas que trabalhou cita o nome apenas de uma, “Lusolindo”, de propriedade de um português. O pagamento de meio salário mínimo

destinava-se aos aprendizes, ou seja, menores de 18 anos que estão realizando formação profissional metódica de algum ofício, assegurados pela Consolidação das Leis Trabalhista (1943), mas na prática, nem sempre, ocorria esta formação, sendo um mecanismo para o pagamento de salários mais baixos aos menores de idade, “tomando por base a idade e não o sistema de trabalho a que estavam efetivamente submetidos” (REZENDE, 2012, p. 95), situação que resultou em tensões entre “mestres” e aprendizes.

Além dos familiares, o sapateiro Aguiar ensinou cerca de quinze jovens, mas no início da década de 70, um destes o processou, fazendo com que o entrevistado decidisse parar de ensinar. Na opinião do sapateiro as leis antigamente eram mais “frouxas” e que foram ficando mais exigentes com o passar dos anos, pois conforme Aguiar, “se fosse como antes, estudavam para aprender uma profissão, as pessoas ensinavam as crianças, mas com essa nova lei... [expressão negativa]”. O momento da entrevista que envolveu o processo trabalhista é permeado por um tom de ressentimento e de injustiça, por entender que o jovem agiu de má fé, além do mais gerou uma situação financeira desconfortável, sendo o valor da indenização alto, maior que o valor da própria oficina, mas pode parcelar em dois anos. Sobre o funcionário:

Ele veio com oito anos [...]. Quando chegou a época do quartel, ele foi para o quartel... Ele voltou e dei serviço para ele de novo. Mandei ele tirar a carteira profissional, ele trabalhou dois anos comigo aqui e não sei porque, decidiu ir embora. Aqui do outro lado era o sindicato dos sapateiros, fui lá na presença da presidenta do sindicato, paguei tudo direitinho, bonitinho, ele aceitou. Eu assinei, ele assinou. Daí deu uma semana veio o advogado aqui. O advogado, naquela época, queria dois mil. Eu não quis, eu sabia que tava tudo assinado... Para encurtar, foi para a justiça. Tive que pagar, perdi! Naquela época eram dois mil.

Situação similar é narrada por Dalmiro, que também ensinou outros jovens. Durante a entrevista conta que os pais pediam para ele ensinar o ofício aos filhos, pedidos que aceitava quando haviam vagas, mas avisava que não pagaria salário, só um valor para os jovens comprarem algo no final de semana, já que a maior recompensa seria a oportunidade de aprender um ofício. Orgulha-se em afirmar que “pelo menos quatro ou cinco já saíram profissionais daqui!”.

Quando se indaga Dalmiro sobre a Justiça do Trabalho, motivou a recuperação da sua

inserção no mercado de trabalho: aos doze anos de idade, precisou de uma autorização do juiz para trabalhar, depois teve a carteira profissional assinada, recebendo seus direitos, as férias e o salário. Na lembrança do sapateiro está era a burocracia que envolvia os contratos de trabalho na década de 1950, complementou sua opinião, afirmando: “hoje um empregado tem que receber fundo de garantia, décimo terceiro, férias e mais alguma coisa, sempre tem mais alguma coisa para pagar! Então isso veio atrapalhar muito o funcionamento de muitas empresinhas pequenas”. A Justiça do Trabalho e a CLT foram consolidadas na década de 1940, mas a popularização destas foi gradual entre os trabalhadores, os patrões acostumados com a não fiscalização das leis, resistiram em acatá-las.

Dalmiro também passou por problemas envolvendo um funcionário, que começou como aprendiz aos 13 anos e trabalhou na sapataria até os 20, momento em que resolveu processar o patrão. O entrevistado afirma que praticamente “criou” o menino, mas por este ser “bobinho” deixou-se influenciar por outros. O sapateiro soube das intenções do funcionário, assinou a carteira por algum tempo e depois o demitiu. Sobre a relação com o funcionário e sua opinião sobre o ocorrido:

Se a pessoa não tiver consideração contigo, não pode ter consideração com ele! Mas eu... “Puxa”!... Eu tratava esse rapaz como um filho! [...] Ensinei a profissão para ele, ele saiu daqui... Ele hoje é um profissional de mão cheia, hoje é um sapateiro de mão cheia, o cara é bom! O cara fabrica qualquer tipo de sapato, bota, o que quiser ele faz!” [...] “Ele trabalha numa loja que fabrica! Então eu acho que ele não teve consideração comigo, apesar de tudo que eu fiz! Se ele estava amolado de saúde, eu pegava o carro e ia até a casa dele, ele morava no Fragata, ia correndo lá: “vamos ver o que houve com o fulano!”, “está precisando de alguma coisa fulano?”. Se precisava já ia na farmácia, comprava remédio, tudo!

Rezende (2012) aborda a relação da “gratidão *versus* luta por direitos”. O costume de ensinar aos jovens o ofício sem um vínculo empregatício formal e, muitas vezes, sem a remuneração fixada por lei, é questionado conforme é divulgada e fortalecida a CLT. A partir de processos trabalhistas instaurados na década de 70, na cidade de Franca, o historiador constata “a indignação dos industriais com o fato de responderem judicialmente às reclamações movidas por jovens que haviam tido a oportunidade de aprender tarefas da profissão de sapateiro no interior de suas unidades produtivas” (REZENDE, 2013, p. 426), situação similar ao que percebemos nas narrativas dos sapateiros pelotenses.

O sentimento de gratidão que era fortalecido pelo discurso do patrão generoso e da fábrica como segundo lar, que pretendia camuflar as tensões de classe, não impediu as reclamações de trabalhadores contra seus patrões, transformando conflitos privados em públicos. O historiador Luigi Negro (2004), refletindo sobre o conceito de paternalismo, através do livro ‘Costumes em comum’ de Thompson, acredita que “em forma de mito ou de ideologia, paternalismo promove uma visão retrospectiva, que idealiza o passado, confundindo ‘atributos reais e ideológicos’. De tudo isso resulta, o não-reconhecimento do conflito de classes e, portanto, o desconhecimento da história das classes subalternas” (NEGRO, 2004, p. 16).

Com o gerente da “Botas Bonini” lembra de uma tentativa de continuar com o sistema de aprendizagem, nas palavras do depoente: "estávamos ensinando um rapazinho, teve um esquema, acho que do SENAC. Não se pode mais, era tanta complicação que a gente desistiu, íamos acabar pagando uma multa por ensinar um menor de idade, mesmo vindo pelo SENAC”. Nem mesmo os programas institucionais conseguem assegurar aos jovens e empresários a continuidade da prática de aprendizagem junto às pequenas fábricas.

Fonseca aborda o momento em que um aprendiz passa a ser um funcionário do estabelecimento, o narrador explicou que era solicitado ao jovem que fizesse sozinho um par de botas completo, tendo êxito era efetivado. Prática que remonta as guildas medievais, onde “o trabalho apresentado pelo aprendiz centrava-se no princípio da imitação: a cópia como aprendizado” (SENNETT, 2009, p. 73). Nem todos eram mantidos no quadro de funcionários da fábrica e o depoente lamenta o fato de que muitos dos aprendizes não seguiram produzindo calçados, pois as fábricas de Pelotas começaram a fechar suas portas.

Valdir aprendeu a fazer tamancos na pequena “Tamancaria Esperança”, quando estava com 14 anos de idade, recordou: "ia [lá] de vez enquanto, trabalhava de vez enquanto, nesse meio tempo que eu trabalhava de cobrador de ônibus, [...] eu também trabalhava na Tamancaria nas horas vagas e aprendi a fazer tamanco, com um senhor e o filho dele, depois [...] me fixei na Tamancaria". Há um fato curioso relacionado ao modo de como aprendeu a fazer sandálias, ramo que se tornou primordial na “Esperança”, transformando-a. Ao assistir “uma fita”, em um dos cinemas da cidade, se deparou com uma fábrica franciscana de sandálias.

Fixei no meu cérebro aquilo e cheguei no patrão, na tamancaria, disse para ele que tinha condições de fazer uma sandália, ele assim: 'mas tu tem certeza?', digo: 'tenho, tenho certeza!'. Então ele tirou a sandália do pé e modelou ela em um papelão e cortou, tinha couro e tudo lá, cortou e me deu para eu fazer um par, fiz o par e dali em diante a gente foi fixando as ideias e sem aprender com ninguém, só olhando na tela.

O patrão perguntou quantas sandálias poderiam ser feitas em um dia, Valdir respondeu que achava ser possível fazer seis pares, com o passar das horas perceberam que poderiam produzir muito mais e conforme praticavam, os movimentos ficavam cada vez mais seguros, observando que a produção poderia ser alta e bastante lucrativa. O aprendizado de Valdir perpassou a imitação, mostrou saber empregar aquilo que aprendeu de forma mais complexa e com o passar do tempo, através da incorporação, transformou as informações combinadas com a prática em conhecimento tácito (SENNETT, 2009).

Por ser tácito, encontra na aprendizagem prática a melhor maneira de ser transmitida. Nenhum dos depoentes mais antigos descreveu sua atividade como difícil, mencionando que o conserto, por vezes, é desafiador (interação entre conhecimento tácito e a consciência presente). Valdir afirmou, durante o seu relato, que é fácil ser sapateiro, bastando vontade para tornar-se um, talvez essa percepção justifique-se pelo fato de terem incorporado o conhecimento a suas rotinas. Já entre os mais jovens a busca pela solução de problemas é encontrada junto aos mais experientes, sendo o estágio de aprendizado ainda o de imitação.

Na “Fábrica Esperança” sempre havia jovens acompanhando o trabalho, o período de aprendizagem era de apenas 30 dias, e se avaliados positivamente, eram contratados. Valdir quando abriu a sapataria – realizando os consertos – ensinou o trabalho para o seu atual sócio, que frequentava a sapataria demonstrando interesse pelo trabalho, até que o convidou para ser aprendiz, a parceria já dura 30 anos. Conta ainda, que o sócio aprendeu muito rápido e que mesmo sendo formado em Administração preferiu ser sapateiro.

Gérson, administrador da “Botas Tradição”, aprendeu o trabalho com o seu pai, desde muito jovem. A fábrica ofereceu cursos na década de 1980 para os interessados em produzir e consertar calçados, visto a inexistência dos mesmos na cidade, o que tornava difícil encontrar trabalhadores qualificados, situação que não mudou, na opinião do entrevistado. Fonseca e Gérson são os depoentes que gerenciam unidades produtivas atualmente, quando se questiona sobre como se dá a contratação e a aprendizagem dos funcionários, as respostas são vagas.

Mencionaram a confiança no trabalhador e a vontade de aprender como sendo os aspectos observados. Provavelmente, o ensino para o trabalho continua sendo feito no chão de fábrica, porém sem a preocupação em desenvolver nestes todas as funções.

Como podemos observar durante as narrativas, o sucesso do aprendizado é vinculado ao esforço e capacidade do aprendiz, Sennett (2009) faz uma interessante análise sobre esta questão:

Frequentemente se espera que o aprendiz absorva a lição do mestre por osmose; a demonstração do mestre apresenta um ato bem sucedido, e o aprendiz tem de descobrir o que foi que fez a chave girar a fechadura. O aprendizado através da demonstração joga a responsabilidade nos ombros do aprendiz; e também parte do princípio de que é possível a imitação direta (SENNETT, 2009, p. 203).

Gérson e Anderson lembram que na cidade de Novo Hamburgo há cursos, mas direcionados para funções muito específicas, reflexo da intensa fragmentação do trabalho nas indústrias, formato que não é adequado à Pelotas, onde a divisão das atividades é menor. O modelo de aprendizagem de Novo Hamburgo é o industrial, descrito por Cunha (2000) como sistemática, padronizada, voltada para muitos trabalhadores, por vezes em instituições externas. A educação típica do período da manufatura é considerada intermediária e feita por escolas de aprendizes que formavam operários. Ambos os modelos diferenciam-se da educação artesanal, que não é sistemática, desenvolvida através da relação de um jovem aprendiz e um mestre, onde a observação da prática e sua reprodução compõem o método. “Enquanto na educação artesanal a finalidade, ao menos tendencial, é que o aprendiz possa vir a ser um mestre de ofício, que abra sua própria oficina, na educação industrial a finalidade é um posto bem delimitado numa divisão complexa de trabalho, como trabalhador assalariado” (CUNHA, 2000, p. 3).

Os narradores aprenderam a realizar o seu trabalho em fábricas ou reformadoras de calçados, onde eram poucas as divisões de funções no processo de produção dos bens, mantendo o ensino de todas as fases da confecção, não ocorrendo um distanciamento significativo entre a concepção e execução. A destreza, conhecimento e versatilidade dos funcionários eram elementos importantes para a realização de um bom trabalho. Estes fatores viabilizaram o ensino de jovens por funcionários ou pelo proprietário no ambiente fabril,

situação que se aproxima do modelo de educação artesanal. Pode-se acrescentar que durante as narrativas de Aguiar e Dalmiro outro preceito do modelo de educação artesanal é citado: a satisfação de saber que seus antigos aprendizes são bons sapateiros.

Porém, é evidente que esse sistema de reprodução do ofício está se extinguindo, como o próprio sapateiro, compreendido como aquele possui o conhecimento necessário para a feitura total do calçado. Atualmente, nas indústrias modernas temos operários parcelares; nas reformadoras, se restringem aos consertos; os redutos daqueles que se assemelham aos mestres no ofício da sapataria são as pequenas fábricas artesanais, que produzem botas personalizadas, calçados de modelos e números especiais, para o mercado do cultural (filmes, espetáculos, carnaval). Percebemos que não só inovações tecnológicas e o processo de fragmentação das atividades desfavoreceu o processo de aprendizagem desses trabalhadores, mas também as alterações na legislação trabalhista.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanazi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. 155-202.

AUED, Bernardete W. Acerca da identidade coletiva do sapateiro militante, **Caderno de Pesquisa**, n. 29, p. 1-31. 2001.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed. UNESP. 2000.

FIOD, Edna Garcia Maciel. Crise da educação e sociedade do trabalho. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 14, n.26, p. 71-91, jul./dez. 1996.

FIOD, Edna Garcia Maciel. Politecnia: e educação do molusco que vira homem. In: AUED, Bernardete W. (org.). **Educação para o (des)emprego**: ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento. Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 1999. p. 83-108.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GRACIOLI, Maria Madalena. Os saberes dos sapateiros, **Resgate**, Campinas, n. 10, p. 131-136, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. Artífices e aristocratas do trabalho? In: HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre a História Operária. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008. p. 149-191.

HOBBSAWM, Eric J. e SCOTT, Joan W. Sapateiros Politizados. In: HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre a História Operária. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008. p. 149-191.

NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, Populismo e História Social, **Cadernos AEL**, v.11, n. 20/21, p.13-36, 2004.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos, **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 59-72, dez. 1996.

REZENDE, Vinicius Donizete de. **Tempo, trabalho e conflitos social no complexo coureiro-calçadista de Franca-SP (1950-1980)**. (Tese em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Campinas, Campinas. 2012.

REZENDE, Vinicius. Da gratidão à luta por direitos: a regulamentação das relações de trabalho na “capital do calçado” (Franca-SP, 1940-1980). In: GOMES, Ângela de Castro e

TEIXEIRA, Fernando da Silva (org.). **A Justiça do Trabalho e sua História**. Campinas: Ed. UNICAMP. 2013, p. 401- 446.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. II. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.

#### **FONTES:**

Entrevista realizada com **Dalmiro dos Santos**, na Sapataria Tamandaré. Pelotas. 2011. Entrevistadores: Lóren Nunes da Rocha e Eduarda Borges. Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.

Entrevista realizada com **José Maria Barbosa Aguiar**, na Sapataria Aguiar. Pelotas. 2011. Entrevistadora: Micaele Irene Scheer. Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.

Entrevista realizada com **Volcei da Rosa**, na Sapataria 7 Estrelas. Pelotas. 2011. Entrevistadora: Micaele Irene Scheer. Acervo do Laboratório de História Oral da UFPel.

Entrevista realizada com **Aristimundo Papini da Fonseca**, na Fabrica de Botas Bonini. Pelotas. 2012. Entrevistadora: Micaele Irene Scheer. Acervo do Laboratório de História Oral e Pesquisa da PUCRS.

Entrevista realizada com **Gérson Soares**, na Fabrica de Botas Bonini. Pelotas. 2013. Entrevistadora: Micaele Irene Scheer. Acervo do Laboratório de História Oral e Pesquisa da PUCRS.

Entrevista realizada com **Anderson Gonçalves Garcia**, na Fabrica de Botas Bonini. Pelotas. 2013. Entrevistadora: Micaele Irene Scheer. Acervo do Laboratório de História Oral e Pesquisa da PUCRS.

Entrevista realizada com **Valdir Oliveira da Silva**, na Fabrica de Botas Bonini. Pelotas. 2013. Entrevistadora: Micaele Irene Scheer. Acervo do Laboratório de História Oral e Pesquisa da PUCRS.